

O DIAMANTE DO TAMANHO DO RITZ – F. S. FITZGERALD

I

John T. Unger pertencia a uma família que tinha sido muito conhecida em Hades, uma pequena cidade junto do Rio Mississippi, durante várias gerações. O pai de John ganhara o campeonato de golfe para amadores, após muitas partidas renhidas. Mrs. Unger era conhecida em todos os meios pelos seus discursos políticos; e o jovem John T. Unger, que acabava de completar dezasseis anos, já tinha dançado todas as danças mais recentes de Nova Iorque antes de usar calça comprida. E agora ia para longe de casa durante um certo tempo. Aquele respeito pela educação de New England, que é a desgraça de todas as terras de província e as priva todos os anos dos seus jovens mais promissores, apoderara-se dos pais dele. Nada mais os satisfazia senão que ele fosse para St Midas's School, perto de Boston. Hades era pequeno demais para conter o seu querido e prendado filho.

Ora em Hades - corno sabe, se alguma vez lá estive - os nomes das mais reputadas escolas preparatórias significavam muito pouco. Os habitantes estão há tanto tempo fora do mundo que, embora façam ponto de honra em estarem a par da última moda no vestuário, no comportamento e na literatura, dependem em larga medida do que ouvem dizer, e uma festa que em Hades seria considerada muito fina poderia sem dúvida ser definida por qualquer princesa-do-bife de Chicago como «talvez um pouco pirosa».

John T. Unger estava na véspera da partida.

Mrs. Unger, com maternal orgulho, encheu-lhe as malas de fatos de linho e de ventoinhas eléctricas e Mr. Unger presenteou o filho com uma carteira de asbesto, recheada de dinheiro.

- Lembra-te que és sempre bem-vindo nesta casa - disse ele. - Podes ter a certeza, meu rapaz, de que manteremos aceso o fogo do lar.

- Bem sei - respondeu John bruscamente.

- Não te esqueças de quem és e de onde descendes - continuou o pai com orgulho. - Não podes fazer nada que te fique mal. És um Unger, de Hades.

Assim, o velhote e o jovem apertaram as mãos e John afastou-se com lágrimas correndo-lhe dos olhos. Dez minutos depois, já saíra dos limites da cidade e parou para olhar para trás pela última vez. Sobre os portões, a antiga divisa vitoriana parecia-lhe estranhamente significativa. O pai tentara por várias vezes mandar modificá-la para algo com mais impacte e força, corno «Hades - A Sua Oportunidade», ou então um simples «Bem-vindos» num dístico colocado por cima de um aperto de mão vigoroso desenhado a luzes eléctricas. A velha divisa era um tanto deprimente, pensara Mr. Unger. Mas agora...

Assim John olhou, e depois virou o rosto resolutamente na direcção do seu destino. E, quando se voltou, as luzes de Hades contra o céu pareciam plenas de uma beleza quente e arrebatada.

A St Midas's School fica a meia hora de Boston num automóvel Rolls-Pierce, Nunca se saberá a verdadeira distância porque ninguém, excepto John T. Unger, jamais lá fora sem ser num Rolls-Pierce, e provavelmente ninguém mais irá. St Midas's é a escola preparatória para rapazes mais cara e mais selectiva do mundo.

Lá, os primeiros dois anos de John decorreram agradavelmente. Os pais de todos os rapazes eram riquíssimos e John passou os verões visitando todas as estâncias elegantes. Se bem que gostasse muito de todos os rapazes que visitava, os pais deles pareciam-lhe todos iguais e, na sua perspectiva juvenil, perguntava muitas vezes a si próprio a razão daquela excessiva igualdade. Quando lhes dizia onde ficava a sua casa, eles perguntavam jovialmente: «Faz lá muito calor?» e John, com um leve sorriso, respondia: «Realmente faz.

» Teria respondido de forma mais calorosa se não tivessem inventado aquela piada, acrescentando-lhe «Faz lá calor suficiente para ti?», que ele detestava igualmente.

No meio do segundo ano que passou na escola, puseram na sua classe um rapaz sossegado e bonito chamado Percy Washington. O recém-chegado era simpático à sua maneira e extremamente bem vestido, mesmo para St Midas's, mas, fosse pelo que fosse, mantinha-se à parte dos outros rapazes. A única pessoa com quem adquirira intimidade fora com John T. Unger mas, mesmo para John, não contava absolutamente nada acerca da família ou da casa. Nem precisava de dizer que era rico mas, para além de algumas deduções do género, John pouco sabia do amigo; por isso o convite de Percy para ir passar o Verão em sua casa, «na costa oeste», prometia dar plena satisfação à sua curiosidade. Aceitou sem hesitar.

Foi só quando já estava no comboio que Percy se tornou pela primeira vez mais comunicativo. Um dia, enquanto almoçava na carruagem-restaurante e discutiam os caracteres defeituosos de vários rapazes da escola, Percy mudou subitamente de tom e fez uma observação inesperada.

- O meu pai - disse ele - é de longe o homem mais rico do mundo.

- Ah! - disse John delicadamente. Não conseguia imaginar a resposta a dar a esta confidência. Lembrou-se de «ainda bem», mas soava-lhe a falso; esteve quase a dizer «Ah sim?», mas coibiu-se porque parecia estar a duvidar da afirmação de Percy. E uma afirmação tão espantosa não podia ser posta em dúvida.

- De longe o mais rico - repetiu Percy.

- Li no *World Almanack* - começou John - que há na América um homem com um rendimento de mais de cinco milhões por ano e quatro homens com rendimentos de mais de três milhões por ano, e ...

- Ora, isso não é nada. - A boca de Percy era uma meia-lua de desprezo. - Capitalistas aldrabões, peixe miúdo das finanças, comerciantes sem importância e usurários. O meu pai podia comprá-los a todos sem dar por isso.

- Mas como é que ele...

- Por que não lhe baixaram as contribuições?

Porque não as paga, ou pelo menos paga contribuições muito pequenas... mas não paga nenhuma sobre o seu rendimento real.

- Deve ser muito rico - disse John com simplicidade. - Gosto de saber. Gosto de pessoas muito ricas. - Quanto mais rico é um tipo, mais eu gosto dele. - Havia no seu rosto moreno uma expressão de franqueza exaltada. - Na última Páscoa visitei os Schnlitzer-Murphy. A Vivian Schnlitzer-Murphy tem rubis do tamanho de ovos de galinha e safiras como globos com luzes dentro.

- Gosto muito de jóias - concordou Percy entusiasmado. - Claro que não quero que ninguém da escola saiba, mas eu próprio tenho uma grande colecção. Costumava colecioná-las em vez de selos.

- E diamantes - continuou John com veemência. - Os Schnlitzer-Murphy têm diamantes do tamanho de nozes.

- Isso não é nada. - Percy inclinara-se para a frente e baixara a voz até ser um murmúrio. - Isso não é mesmo nada. O meu pai tem um diamante maior do que o Hotel Ritz-Carlton.

II

Em Montana o pôr-do-sol surgia entre duas montanhas como uma ferida gigantesca de onde se estendiam artérias escuras por sobre um céu ameaçador. Por baixo do céu, a enorme distância, escondia-se a aldeia de Fish, minúscula, triste e esquecida. Dizia-se que havia doze homens na aldeia de Fish, doze almas, sombrias e misteriosas, que extraíam das rochas quase totalmente nuas, onde uma estranha força povoadora os tinha gerado, um magro sustento. Tinha-se tornado uma raça à parte, estes doze homens de Fish, como uma espécie criada por um prematuro capricho da natureza, que depois os abandonara à luta e ao extermínio.

Lá longe, partindo da ferida azul-negra, arrastava-se uma longa fila de luzes móveis sobre a desolação da terra, e os doze homens de Fish juntavam-se como fantasmas na pequena estação para verem passar o comboio das sete horas, o expresso transcontinental de Chicago. Umas seis vezes por ano, o expresso transcontinental, por qualquer razão inimaginável, parava na aldeia de Fish e, quando tal acontecia, um ou outro personagem desembarcava, subia

para um pequeno carro que sempre aparecia vindo da escuridão, e seguia na direcção do pôr-do-sol em ferida. A observação deste fenómeno insignificante e absurdo tornara-se uma espécie de culto entre os homens de Fish. Observar, e era tudo; não restava neles nada da vital qualidade da ilusão que os faria interrogar-se ou especular; se assim não fosse, poderia ter nascido uma religião à volta destas misteriosas visitas. Mas os homens de Fish estavam para além de qualquer religião - os princípios mais simples e primitivos, mesmo os do Cristianismo, não conseguiam criar raízes nesse rochedo estéril; por isso não havia altar, não havia padre, não havia Missa. Apenas todas as tardes, às sete horas, o grupo silencioso junto à estação, numa assembleia que erguia uma oração de vago e tímido espanto.

Nessa noite de Junho, o Grande Guarda-Freio, que podia bem ser escolhido para intermediário celestial se tivessem de deificar alguém, ordenara que o comboio das sete horas deixasse a sua carga humana (ou desumana) em Fish. Às sete horas e dois minutos desembarcaram Percy Washington e John T. Unger, passaram à pressa pelos olhares temerosos, encantados e espantados dos doze homens de Fish, entraram para um pequeno carro que, obviamente, surgira de nenhuma parte, e partiram.

Meia hora depois, quando a luz do crepúsculo se coagulava em escuridão, o negro silencioso que guiava o carro fez sinal a um vulto pesado que estava à frente deles na escuridão.

Em resposta ao seu grito, virou para eles um disco luminoso que os olhava como um olho perverso na noite impenetrável. Quando se aproximaram John viu, que era a luz traseira de um enorme automóvel, maior e mais sumptuoso do que qualquer outro que já vira. A carroçaria era de um metal reluzente mais rico do que o níquel e mais leve do que a prata, e os tampões das rodas eram guarnecidos de figuras geométricas iridescentes, verdes e amarelas. John não se atreveu a adivinhar se eram em vidro ou em pedras preciosas.

Dois negros fardados com uniformes magníficos, como se vêem nas imagens dos cortejos reais em Londres, ficaram perfilados junto do automóvel e, quando os dois jovens saíram do carrinho pequeno, foram saudados numa linguagem que o convidado não podia compreender, mas que parecia ser uma forma extrema do dialecto dos negros do sul.

- Entra - disse Percy ao amigo quando colocaram as malas sobre a capota em ébano da limusina. - Desculpa termos vindo até tão longe no carrinho pequeno, mas claro que não seria conveniente que as pessoas que vinham no comboio ou aqueles malditos tipos de Fish vissem este automóvel.

- Caramba! Que carro! - Esta exclamação foi causada pelo seu interior. John viu que os estofos consistiam em mil pequenas e delicadas tapeçarias de seda, tecidas com pedras preciosas e bordados, e colocadas sobre um fundo de tecido dourado. Os dois assentos com braços onde os rapazes se instalaram eram cobertos com um tecido semelhante a veludo mas que parecia trabalhado em inúmeras cores de penas de avestruz.

- Que carro! - voltou a dizer John, maravilhado.

- Isto? - Percy riu-se. - Ora, isto é só um traste velho que usamos para o transporte da estação.

Nesta altura deslizavam através da escuridão na direcção do intervalo entre as duas montanhas.

- Chegamos lá daqui a hora e meia - disse Percy olhando para o relógio. - Posso também dizer-te que não vai ser parecido com nada que já viste.

Se o carro era uma amostra do que John ia ver, estava preparado para ficar de facto espantado. A crença religiosa que prevalece em Hades tem como primeiro ponto do seu credo a veneração e o respeito pelos ricos. Se John não se sentisse radiosamente humilde perante eles, os pais ter-se-iam afastado horrorizados com a blasfémia.

Tinham agora chegado e entravam no intervalo entre as duas montanhas, e quase de seguida o caminho tornou-se muito mais irregular.

- Se o luar viesse até aqui abaixo verias que estamos numa grande ravina aurífera - disse Percy tentando espreitar pela janela. Segredou umas palavras no intercomunicador e imediatamente o criado agarrou num farolim e varreu as colinas com um imenso raio de luz.

- É rochoso, estás a ver? Um carro vulgar ficava desfeito em pedaços em meia hora. A verdade é que seria preciso um tanque para passar por aqui, a menos que se conheça o caminho. Repara que agora estamos a subir a colina.

Era evidente que estavam a subir, e dentro de poucos minutos o carro atravessava uma elevação, de onde viram de relance uma lua pálida que acabara de nascer à distância. O carro parou de repente e a seu lado várias figuras vindas da escuridão tomaram forma; eram também negros. De novo os dois jovens foram saudados no mesmo dialecto dificilmente reconhecível; então os negros puseram-se a trabalhar e quatro enormes cabos suspensos de cima foram amarrados com ganchos aos cubos das grandes rodas preciosas. Ao som de «Hey-yah!» John sentiu que o carro era levantado lentamente do chão, cada vez mais alto, para fora do alcance das rochas mais altas de ambos os lados, e depois ainda mais alto, até que pôde distinguir um vale ondulante iluminado pelo luar que se estendia em frente, em nítido contraste com o atoleiro de rochas que acabavam de deixar para trás.

Só de um lado havia ainda rochas e, depois, subitamente, já não havia mais rochas aos lados nem em parte alguma à volta.

Viram que tinham passado por cima de uma enorme pedra como a lâmina de uma faca que se projectasse perpendicularmente no ar. Pouco depois estavam novamente a descer e, finalmente, com um choque suave, aterraram no chão macio.

- O pior já passou - disse Percy, olhando pela janela. - Daqui já são só oito quilómetros, e pela nossa estrada toda em tijolos. Isto pertence-nos. É aqui que os Estados Unidos acabam, diz o pai.

- Estamos no Canadá?

- Não, não estamos. Estamos no meio das Montanhas Rochosas. Mas agora estás nos únicos oito quilómetros de estrada que nunca foram demarcados. - Porquê? Esqueceram-se deles?

- Não - disse Percy sorrindo. - Já tentaram três vezes. Da primeira vez o meu avô subornou todo o departamento de demarcações do Estado; da segunda vez mandou alterar os mapas oficiais dos Estados Unidos, e isso segurou-os durante quinze anos. Da última vez foi mais difícil. O meu pai arranjou as coisas de maneira que as bússolas deles ficassem instaladas no campo magnético mais forte que já alguma vez se criou artificialmente. Mandou fazer um conjunto de instrumentos de demarcação com um ligeiro erro que fazia com que este território não aparecesse, e substituiu os que deviam ser usados por estes. Depois mandou desviar um rio e o conjunto parecia urna aldeia construída na margem, de modo que, ao verem-no, julgassem que se tratava de urna povoação situada dezasseis quilómetros mais acima do vale. Só há urna coisa de que o meu pai tem medo - concluiu - só urna coisa no mundo que podia ser usada para nos desmascarar.

- E o que é?

Percy baixou a voz até ser apenas um murmúrio. - Aviões - sussurrou.

- Ternos meia dúzia de espingardas antiaéreas e até agora cá nos ternos arranjado; mas já houve algumas mortes e muitos prisioneiros. Não é que eu e o pai nos importemos com isso, mas aflige a minha mãe e as meninas, e há sempre a hipótese de alguma vez falharmos.

Farrapos e retalhos de chinchila, nuvens negras no céu esverdeado, passavam pela enorme lua corno se fossem preciosos tecidos orientais expostos para algum khan tártaro. A John parecia que era dl~ e que estava vendo rapazes navegando no ar, por cima dele, deixando cair folhetos e circulares anunciando especialidades farmacêuticas, com as suas mensagens de esperança para os lugarejos desesperados, circundados de rochedos. Parecia-lhe que podia distingui-los a olharem para baixo, lá das nuvens, fixando - fixando o que quer que havia para fixar neste lugar onde se encontrava. E depois? Seriam induzidos a aterrar por qualquer artifício traiçoeiro, para ali ficarem enclausurados, longe dos medicamentos e os folhetos, até ao dia do juízo final. Ou, se não caíssem na, armadilha, seriam trazidos para a Terra por urna rápida lufada de fumo, no contorno redondo e acerado de urna concha que se quebra, para «afligir» a mãe e as irmãs de Percy? John abanou a cabeça e da boca entreaberta saiu-lhe silenciosamente o simulacro de um riso surdo. Que negócio escuro estava ali oculto? Que expediente amoral de um Crespo bizarro? Que mistério terrível e precioso?...

As nuvens de chinchila tinham agora desaparecido e lá fora a noite de Montana estava clara como o dia. O pavimento ladrilhado da estrada era suave para os enormes pneus, enquanto circundavam um lago tranquilo, banhado pelo luar; por um momento mergulharam na escuridão, ao passarem por um pinheiral acre e fresco e, depois, desembocaram numa grande avenida relvada, e a exclamação de prazer de John veio em simultâneo com o taciturno «estamos em casa» de Percy.

Em plena luz das estrelas, erguia-se das margens do lago um extraordinário castelo, elevado até meia altura da montanha contígua por radiações de mármore, fundindo-se depois, gracioso, em perfeita simetria e com feminino langor, na massa escura de um bosque de pinheiros. As muitas torres, o traçado delicado dos parapeitos em declive, a maravilha cinzelada de mil janelas amarelas com os seus ovais triângulos e hexágonos de luz doirada, a suavidade dos planos de intercepção de brilho de estrelas e de sombras azuladas, tudo vibrava no espírito de John como um~ corda musical. Numa das torres, a mais alta e mais escura na base, um arranjo de luzes exteriores lá no cimo criava uma espécie de reino de fadas flutuante e enquanto John olhava para cima em arrebatado encantamento, o som débil de violinos pairava descendo numa harmonia rococó, diferente de tudo quanto já tinha ouvido antes. Então o carro parou em frente de uma larga escadaria em mármore, à volta da qual o ar rescendia a uma amálgama de flores. No cimo dos degraus duas grandes portas abertas e silenciosas deixavam passar uma luz de âmbar que escorna para a escuridão, desenhando a silhueta de um~ mulher elegante, com o cabelo preto puxado para cima, que lhes estendia os braços.

- Mãe - disse Percy - este é o meu amigo John Unger, de Hades.

Mais tarde, John recordaria essa primeira noite como uma confusão de muitas cores, de fugazes impressões sensoriais, de música doce como uma voz apaixonada, e da beleza das coisas, luzes e sombras, movimentos e rostos. Havia um homem de cabelos brancos bebendo um cordial de muitas tonalidades por um cálice de cristal com pé de ouro. Havia uma rapariga de rosto fresco, vestida como Titânia, com safiras entrançadas no cabelo.

Havia uma sala 'onde o ouro sólido e macio das paredes cedia à pressão da sua mão, e outra sala que era como a concepção platónica do derradeiro cárcere: tecto, chão, tudo era forrado com uma massa ininterrupta de diamantes, diamantes de todos os tamanhos e formas, até que, iluminada por altos candeeiros de luz violeta, ofuscava os olhos com uma brancura que só podia ser comparada consigo própria, para além de todo o desejo ou de todo o sonho humanos.

Os dois rapazes vaguearam pelo labirinto que eram estas salas.

Por vezes o chão, por baixo dos seus pés, flamejava em formas brilhantes da iluminação vinda de baixo, formas de cores contrastantes, primitivas, de uma delicadeza de pastel, de pura brancura, ou de um mosaico subtil e elaborado, decerto vindo de alguma mesquita do Mar Adriático. Por vezes, por baixo das camadas de espesso cristal, viam águas azuis ou verdes em turbilhão,

habitadas por peixes refulgentes e por tufos de folhagem irisada. A seguir, pisavam peles de todas as texturas e cores ou passavam por corredores de marfim muito pálido, perfeito, como que extraído inteiro de dentes gigantesco de dinossauros extintos antes da era do homem...

Depois, uma transição vagamente recordada, e já estavam a jantar - onde cada prato era formado por duas camadas quase imperceptíveis de diamante maciço entre as quais fora curiosamente inserida uma filigrana talhada em esmeraldas, um pedacinho roubado ao ar verde. A música, plangente e discreta, flutuava através de corredores distantes; a cadeira onde estava sentado, forrada a penas e insidiosamente colada às suas costas, parecia engoli-lo e subjugar-lo enquanto bebia o seu primeiro cálice de Porto. Tentou indolentemente responder a uma pergunta que lhe fizeram, mas o luxo doce que lhe envolvia o corpo aumentava a ilusão de sono - jóias, tecidos, vinhos e metais confundiam-se perante os seus olhos numa névoa perfumada.

..

- Sim - respondeu num esforço amável - lá onde vivo é suficientemente quente para mim.

Conseguiu acrescentar um vislumbre de gargalhada; depois, sem um movimento, sem resistência, pareceu-lhe que flutuava para longe, deixando a sobremesa de sorvete cor-de-rosa como um sonho... Adormeceu.

Quando acordou compreendeu que tinham passado várias horas. Encontrava-se num grande quarto silencioso com paredes de ébano e uma iluminação baça que era demasiado tênue, demasiado subtil, para se lhe chamar luz. O seu jovem anfitrião estava curvado sobre ele.

- Adormeceste ao jantar - estava dizendo Percy. - E eu quase também. Foi um regalo ter de novo este conforto depois de um ano de escola. Os criados despiram-te e deram-te banho enquanto dormias.

- Isto é uma cama ou uma nuvem? - suspirou John. - Percy, Percy, antes de ires embora quero pedir desculpa.

- De quê?

- Por duvidar de ti quando disseste que tinhas um diamante do tamanho do Hotel Ritz-Carlton.

- Percebi que não acreditaste. Olha, é a montanha, sabes...

- Qual montanha?

- A montanha onde se ergue o castelo. Não é muito grande para montanha. Mas, exceptuando cerca de quinze metros de terra e cascalho à superfície, é toda em diamante puro. Um diamante, de um quilómetro e meio cúbico, sem uma falha. Não estás a ouvir? Olha...

Mas John T. Unger tinha de novo adormecido.

III

Manhã. Quando acordou apercebeu-se sonolento de que o quarto ficara no mesmo momento banhado pelo sol. Os painéis de ébano de uma das paredes deslizaram numa espécie de calha, deixando o aposento meio aberto para o dia. Um negro grande, de farda branca, estava ao lado da cama.

- Boa tarde - murmurou John, fazendo regressar o espírito das regiões bravias.

- Bom dia, Sir.

Está pronto para o banho? Oh, não se levante; eu meto-o lá se fizer o favor de desabotoar o pijama. Isso. Obrigado, Sir.

John deixou-se ficar deitado e quieto enquanto lhe tiravam o pijama. Estava divertido e deliciado; estava à espera de ser erguido como uma criança por este Gargântua negro que estava cuidando dele, mas nada disso aconteceu: em substituição, sentiu a cama inclinar-se lentamente para o lado, e começou a rolar, primeiro espantado, na direcção da parede, mas quando se aproximou dela, os reposteiros abriram-se e, deslizando mais dois metros por um declive aveludado, caiu suavemente para dentro de água à temperatura do seu corpo.

Olhou à volta. A rampa, ou o escorrega que o transportara, voltara a enrolar-se devagar. Fora projectado para um outro aposento e estava sentado num banho de imersão com a cabeça um pouco acima do nível do chão. A toda a volta, forrando as paredes do quarto e os lados e o fundo da própria banheira, havia um aquário azul e, olhando através da superfície de cristal onde estava sentado, podia ver os peixes nadando entre luzes âmbar e deslizarem sem qualquer curiosidade até junto dos dedos estendidos dos seus pés que estavam separados deles somente pela espessura do cristal. Do alto entrava o sol através de vidros verde-mar.

- Supus que preferiria água de rosas quente e espuma para agora de manhã, e talvez água salgada fria para terminar.

O negro estava a seu lado.

- Pois sim, - concordou John sorrindo com ar palerma - como quiser. Qualquer intenção de pedir aquele banho, de acordo com o seu modesto nível de vida, teria sido pretensiosa, se não um tanto perversa.

O negro carregou num botão e começou a cair uma chuva quente aparentemente vinda de cima mas, na verdade, conforme John descobriu passado um momento, vinda de um conjunto de fontes perto da banheira.

A água tomou um tom rosa pálido e, de quatro cabeças de morsa em miniatura aos cantos da banheira, jorraram jactos de sabonete líquido. Num instante, uma dúzia de pequenas rodas propulsoras fixas aos lados agitou a mistura até

ela se transformar num arco-íris radioso de espuma cor-de-rosa que o envolvia docemente com a sua maravilhosa luminosidade, e se desfazia em bolhas rosadas e brilhantes à volta deles.

- Ligo o projector de filmes, Sir? - sugeriu o negro atencioso. - Temos na máquina uma comédia muito boa de uma bobina ou, se preferir, posso pôr num instante um filme sério.

- Não, obrigado - respondeu John delicada mas firmemente. Estava a gostar demais do banho para querer qualquer distração. Mas surgiu mesmo uma distração. De repente, estava ouvindo o som de flautas vindo de fora, flautas que deixavam cair, como gotas, uma melodia semelhante a uma cascata, tão fresca e verde como o próprio aposento, acompanhando um flautim álcree numa execução mais delicada do que a renda de espuma que o cobria e encantava.

Depois de um duche tonificante de água salgada fria, para terminar, saiu da banheira e foi envolvido num roupão macio, e massajado com óleo, álcool e especiarias sobre um sofá coberto com o mesmo material. A seguir sentou-se numa cadeira voluptuosa enquanto lhe faziam a barba e lhe penteavam o cabelo.

- Mr. Percy está à sua espera, Sir, na sala de estar - disse o negro, depois de terminadas aquelas operações. - Chamo-me Gygsun, Mr. Unger, Sir. Virei cuidar de Mr. Unger todas as manhãs.

John saiu para o sol cintilante que banhava a sua sala de estar, onde encontrou o pequeno-almoço e Percy à sua espera; Percy esplendoroso nas suas calças de golfe em pele branca, fumando numa cadeira de repouso.

IV

Esta é a história da família Washington, tal como Percy a contou a John durante o pequeno-almoço.

O pai do actual Mr. Washington era oriundo da Virgínia, descendente directo de George Washington e de Lord Baltimore. No fim da guerra civil, era coronel com vinte e cinco anos, possuidor de uma extensa plantação e de cerca de um milhar de dólares em ouro.

Fitz-Norman Culpepper Washington, era este o nome do jovem coronel, decidiu oferecer a propriedade da Virgínia ao irmão mais novo e ir para a costa oeste. Escolheu duas dúzias dos negros mais fiéis que, evidentemente, o adoravam e comprou vinte e cinco bilhetes para a costa oeste, onde tencionava arranjar terras para pôr em nome deles, e iniciar um rancho de carneiros e outro gado.

Quando estivera em Montana, ainda não passara um mês e as coisas iam na verdade muito mal, fez a sua grande descoberta. Tinha-se perdido quando andava a cavalo pelos montes e, após um dia sem comer, começou a ficar esfomeado. Não tinha consigo a espingarda e por isso viu-se forçado a

perseguir um esquilo, mas durante a perseguição notou que ele levava na boca qualquer coisa brilhante. Antes de desaparecer no seu buraco, pois a Providência não determinara que este esquilo lhe matasse a fome deixou cair o que transportava. Sentando-se para examinar a situação, os olhos de Fitz-Norman foram atraídos por um brilho na relva a seu lado. Em dez minutos perdera completamente o apetite e ganhara cem mil dólares. O esquilo, que se recusara com arreliaadora teimosia a transformar-se em comida, presenteara-o com um diamante enorme e perfeito.

Mais tarde, nessa noite, encontrou o caminho para o acampamento e doze horas depois todos os seus negros se dirigiram ao buraco do esquilo e começaram a cavar furiosamente na vertente da montanha.

Disse-lhes que descobrira uma mina de cristal de rocha e como apenas um ou dois de entre eles tinha já visto um diamante pequeno, acreditaram sem mais perguntas. Quando a enormidade da sua descoberta se lhes tornou evidente, viu-se a braços com um dilema. A montanha era um diamante - não era literalmente mais nada senão um diamante maciço. Encheu quatro sacos de sela com amostras cintilantes e partiu a cavalo para St. Paul. Aí tratou de mostrar meia dúzia de pedras pequenas; quando tentou mostrar uma maior um comerciante desmaiou e Fitz-Norman foi preso 'por perturbar a ordem pública. Fugiu da cadeia e apanhou o comboio para Nova Iorque, onde vendeu alguns diamantes de tamanho médio e recebeu em troca cerca de duzentos mil dólares em ouro. Mas não se atreveu a mostrar qualquer pedra excepcional; na verdade, deixou Nova Iorque mesmo a tempo. Criara-se nos círculos dos joalheiros uma enorme excitação, não tanto pelo tamanho dos diamantes, mas por terem aparecido na cidade vindos de fonte misteriosa. Corria o boato de que fora descoberta uma mina de diamantes em Catskills, na costa de Jersey, em Long Island, por baixo de Washington Square. Fizeram-se comboios de excursionistas, cheios de homens carregados com picaretas e pás, que começaram a sair de Nova Iorque, hora a hora, em direcção a vários El Dorados das vizinhanças. Mas nessa altura já o jovem Fitz-Norman ia de regresso a Montana.

Passadas duas semanas já tinha calculado que o diamante da montanha era aproximadamente igual em quantidade a todos os outros diamantes que se sabia existirem no mundo. Contudo, não valia a pena avaliá-lo por qualquer cômputo habitual, pois que era um diamante inteiro - e se fosse posto à venda não só a base de oferta arruinaria o mercado mas também, se o valor variasse na progressão aritmética usual, não haveria no mundo ouro suficiente para comprar a décima parte dele.

E o que faria uma pessoa com um diamante daquele tamanho?

Era uma situação difícil. Ele era, em certo sentido, o homem mais rico que jamais existira e, no entanto, valia alguma coisa? Se o seu segredo transpirasse, nem poderiam calcular-se as medidas que o Governo poria em prática para evitar o pânico, tanto para o ouro como para as pedras preciosas. Poderia aproveitar o argumento e instituir imediatamente um monopólio.

Não havia alternativa; tinha de negociar a sua montanha em segredo. Mandou vir do sul o irmão mais novo e encarregou-o do seu séquito de cor - negros que nunca tinham sabido que a escravatura fora abolida. Para ficar sossegado a este respeito, leu-lhes uma proclamação que ele próprio redigira e que anunciava que o General Forrest reorganizara os exércitos sulistas dispersos e derrotara o norte numa batalha campal. Os negros acreditaram-no cegamente. Emitiram um voto declarando que fora uma bela coisa e retomaram imediatamente os trabalhos.

O próprio Fitz-Norman partiu para o estrangeiro com cem mil libras e dois baús de diamantes em bruto de todos os tamanhos. Navegou para a Rússia num junco chinês e, seis meses depois da sua partida de Montana, estava em S. Petersburgo. Instalou-se num local discreto e mandou imediatamente chamar o joalheiro da corte, anunciando que tinha um diamante para o Czar. Ficou em S. Petersburgo durante duas semanas num perigo constante de ser assassinado, mudando constantemente de morada e com receio de ir ver os seus baús mais de três ou quatro vezes durante as duas semanas.

Tendo prometido voltar dentro de um ano com pedras maiores e mais belas, foi-lhe permitido partir para a Índia. Porém, antes de partir, o Tesouro da Corte creditara-lhe em Bancos americanos a soma de quinze milhões de dólares, em quatro nomes supostos.

Regressou à América em 1868, tendo estado ausente um pouco mais de dois anos. Visitara as capitais de vinte e dois países, e falara com cinco Imperadores, onze reis, três príncipes, um xá, um khan e um sultão. Por essa época, Fitz-Norman calculava a sua fortuna em um bilião de dólares. Um facto contribuía fortemente para que o seu segredo não fosse descoberto. Nenhum dos seus diamantes maiores foi exposto ao público durante uma semana sem que primeiro lhe tivessem sido atribuídas fatalidades, amores, revoluções e guerras, desde os tempos do primeiro império da Babilónia.

Desde 1870 até à sua morte, em 1900, a história de Fitz-Norman Washington foi um longo poema épico escrito a ouro. Houve, evidentemente, problemas secundários: escapou aos levantamentos topográficos, casou com uma senhora de Virgínia de quem teve um único filho, e foi obrigado, devido a uma série de complicações infelizes, a assassinar o irmão, cujo hábito indesejável de beber até cair num torpor indiscreto pusera por diversas vezes em perigo a sua segurança. Mas muito poucos outros assassinatos mancharam estes felizes anos de progresso e desenvolvimento.

Mesmo antes de morrer mudou de política e com quase todos os milhões de dólares da sua fortuna exterior comprou minerais raros em grandes quantidades, que depositou em cofres de segurança dos Bancos por todo o mundo, com a indicação de bricabraque. Seu filho, Braddock Tarleton Washington, seguiu esta política ainda em maior escala. Os minerais eram convertidos no mais raro dos elementos - rádio - de maneira que o equivalente a um bilião de dólares de ouro podia ser guardado num receptáculo não maior do que uma caixa de charutos.

Quando passaram três anos sobre a morte de Fitz-Norman, seu filho, Braddock, decidiu que o negócio já tinha ido suficientemente longe.

O quantitativo de riqueza que ele e seu pai tinham tirado da montanha estava para além de todas as estimativas. Tinha um caderno de notas em código em que assentava a quantidade aproximada de rádio existente em cada um dos mil Bancos que apoiava, e registava as respectivas designações falsas. Então fez uma coisa muito simples: fechou a mina.

Fechou a mina. O que dela tinha sido extraído havia de manter todos os Washingtons ainda por nascer num luxo sem paralelo, durante gerações. A sua única preocupação teria de ser a salvaguarda do seu segredo, para que, no provável pânico que se geraria com a sua descoberta, ele e todos os outros proprietários do mundo não fossem reduzidos à miséria total.

Era no seio desta família que John T. Unger estava instalado. Foi esta a história que ele escutou na sala de estar com paredes de prata na manhã seguinte à sua chegada.

V

Depois do pequeno-almoço, John saiu pela grande porta de mármore e olhou curioso para a paisagem à sua frente. Todo o vale, desde a montanha de diamante até ao íngreme rochedo de granito a cinco quilómetros de distância, exalava ainda um sopro de névoa dourada que pairava indolente sobre a bela amplidão de prados, lagos e jardins. Aqui e ali, grupos de ulmeiros formavam delicados bosques de sombra, contrastando estranhamente com as massas austeras de pinheirais que prendiam as colinas num abraço de verde-escuro azulado. John viu três pequenos corços saírem em fila de um tufo de arbustos a cerca de quatrocentos metros de distância, e desaparecerem numa alegria desajeitada na meia-luz sulcada de negro de um outro arbusto. John não teria ficado surpreendido se visse um sátiro tocando flauta por entre as árvores ou avistasse a pele rosada de uma ninfa de cabelos loiros esvoaçantes entre as mais verdes das folhas verdes.

Nesta esperança desceu os degraus de mármore, perturbando o sono de dois sedosos cães-lobos russos ao fundo da escada, e partiu por um caminho de mosaicos brancos e azuis que parecia não conduzir a qualquer lugar determinado.

Estava a divertir-se tanto quanto era capaz. A felicidade da juventude, assim como a sua própria insuficiência, é o facto de nunca ser capaz de viver o presente mas ter sempre de confrontar o dia que passa com o seu próprio futuro imaginado radioso: flores de ouro, raparigas e estrelas, são apenas a pré-configuração e a profecia desse incomparável e inatingível sonho jovem.

John rodeou um canto ameno onde um grupo de roseiras enchia o ar com um perfume forte, e atravessou um parque em direcção a uma mancha de musgo debaixo de umas árvores. Nunca se deitara sobre musgo, e queria ver se era realmente tão fofo que justificasse ser usado como adjectivo. Então

avistou uma rapariga que vinha na sua direcção por sobre a relva. Era a criatura mais linda que jamais vira.

Trazia um vestidinho branco que lhe chegava mesmo abaixo dos joelhos e tinha o cabelo preso por uma grinalda de miosótis entrelaçados com pedaços de safira azul. Os pés rosados e nus espalhavam o orvalho à sua frente, à medida que ela caminhava. Era mais nova do que John - não teria mais de dezasseis anos.

- Olá - gritou ela brandamente: - Sou a Kismine.

Para John já era muito mais do que isso. Avançou para ela mal se movendo à medida que se aproximava para não lhe pisar os pés descalços.

- Ainda não me tinhas visto - disse a sua voz suave. Os olhos azuis acrescentaram: «E nem sabes o que perdeste!»... Já conheceste a minha irmã Jasmine a noite passada, mas eu estava adoentada por causa de uma alface estragada que comi - continuou a sua voz suave; e os olhos acrescentaram: «E quando estou doente sou encantadora, e também quando estou bem.

»

«Causaste-me uma enorme impressão», disseram os olhos de John, «e também não sou desinteressante». - Como estás? - disse a voz dele. - Espero que já estejas melhor esta manhã. - «Minha querida», acrescentaram os olhos timidamente.

John deu-se conta de que tinham caminhado ao longo da vereda. Por sugestão dela sentaram-se juntos sobre o musgo, cuja macieza ele não avaliou.

Era exigente no que respeita a mulheres. Um só defeito - os tornozelos grossos, uma voz áspera, usar óculos - era suficiente para o tornar completamente indiferente. E ali, pela primeira vez na vida, estava ao lado de uma rapariga que lhe parecia ser a encarnação da perfeição física.

- És da costa leste? - perguntou Kismine com um interesse desvanecedor.

- Não - disse John com simplicidade. - Sou de Hades.

Ou ela nunca tinha ouvido falar de Hades, ou não conseguiu descobrir um comentário agradável, pois não prosseguiu com a conversa.

- Neste Outono vou para a costa leste para a escola - disse ela. - Achas que vou gostar? Vou para Nova Iorque, para o colégio de Miss Bulge. São muito rigorosos mas, nos fins de semana, vou estar com a família na nossa casa de Nova Iorque, porque o meu pai ouviu dizer que as raparigas tinham de caminhar duas a duas.

- O teu pai quer que sejas altiva - observou John.

- E somos - respondeu ela com os olhos brilhantes de dignidade. - Nenhum de nós foi alguma vez castigado. O pai diz que nunca podemos ser. Uma vez, quando a minha irmã Jasmine era pequena, empurrou-o pelas escadas abaixo e ele apenas se levantou e foi-se embora a coxear. A mãe ficou, bom, ficou um tanto surpreendida - continuou Kismine - quando soube que tu és de... de onde és, sabes. Disse que quando era nova... bom, mas bem vês, ela é espanhola e nada moderna.

- Passas aqui muito tempo? - perguntou John para esconder que tinha ficado um tanto magoado com esta observação. Parecia uma alusão descortês ao seu provincianismo.

- O Percy, a Jasmine e eu estamos aqui todos os Verões, mas no próximo Verão a Jasmine vai para Newport. Do próximo Outono a um ano vai para Londres. Vai ser apresentada na corte.

- Sabes - começou John hesitante - que és muito mais sofisticada do que eu imaginei quando te vi?

- Oh, não, não sou - exclamou ela precipitadamente. - Nem me passa pela cabeça ser. Acho que os jovens sofisticados são horrivelmente banais, não achas? Eu realmente não sou, de todo. Se disseses que sou ponho-me a chorar.

Estava tão desolada que os lábios tremiam-lhe. John teve de protestar:

- Não queria dizer isso; estava só a entrar contigo.

- Porque não me importava, se fosse - teimou ela, - mas não sou. Sou muito ingénua e pueril. Nunca fumo, nem bebo, nem leio senão poesia. Pouco sei de matemática e de química. Visto-me com muita simplicidade - na verdade mal me visto. Acho que sofisticada é a última coisa que podes dizer a meu respeito. Sou de opinião que as raparigas devem gozar a sua mocidade de uma maneira saudável.

- Eu também - disse John com convicção. Kismine estava de novo alegre. Sorriu-lhe e uma lágrima frustrada caiu do canto do olho azul.

- Gosto de ti - sussurrou ela familiarmente.

- Vais passar todo o tempo com o Percy enquanto cá estiveres, ou vais ser gentil comigo? Pensa só: sou absolutamente terra virgem. Em toda a minha vida nunca tive um rapaz apaixonado por mim. Nunca me deixaram sequer ver rapazes sozinha, excepto Percy. Vim para aqui para este bosque na esperança de te encontrar sem a família ao pé.

Profundamente lisonjeado, John curvou-se a partir das ancas, tal como lhe tinham ensinado na escola de dança de Hades.

- Agora é melhor irmos - disse Kismine com doçura. - Tenho de estar com a mãe às onze horas. Não me pediste nem uma vez para te beijar. Julgava que hoje em dia os rapazes pediam sempre.

John endireitou-se, altivo.

- Alguns sim - respondeu - mas eu não. Em Hades as raparigas não fazem essas coisas.

Lado a lado, regressaram a casa.

VI

John encarou Mr. Braddock Washington em plena luz do sol. O homem tinha cerca de quarenta anos e um rosto orgulhoso e inexpressivo, olhos inteligentes e corpo robusto. De manhã cheirava a cavalos, aos melhores cavalos. Trazia uma bengala simples de vidoeiro cinzento com uma única e enorme opala como pega. Ele e Percy andavam a mostrar tudo a John.

- As instalações dos «escravos» são além. A bengala indicava um claustro de mármore à esquerda, que se estendia num gótico gracioso ao longo da encosta da montanha. - Quando era novo fui durante algum tempo desviado das coisas sérias da vida por um período de idealismo absurdo. Durante esse período eles viveram no luxo. Por exemplo, equipei-lhes todos os quartos com banheiras de azulejos.

- Imagino - arriscou John com uma gargalhada insinuante - que devem ter usado as banheiras para armazenar carvão. Mr. Schnlitzer-Murphy contou-me que uma vez...

- As opiniões de Mr. Schnlitzer-Murphy não têm grande importância, penso eu - interrompeu Mr. Braddock Washington friamente. - Os meus escravos não armazenavam carvão nas banheiras. Tinham ordem para tomarem banho todos os dias e tomavam mesmo. Se não tomassem eu teria mandado vir champô de ácido sulfúrico. Retirei as banheiras por outras razões. Muitos deles constipavam-se e morriam. A água não é boa para certas raças, excepto como bebida.

John riu-se e decidiu abanar a cabeça em sóbria concordância.

Mr. Braddock Washington intimidava-o.

- Todos estes negros são descendentes dos que o meu pai trouxe do norte. Agora são cerca de duzentos e cinquenta. Não sei se reparou que, como estão há tanto tempo afastados do mundo, o dialecto que falam tornou-se quase um *patois* incompreensível. Ensinamos alguns a falar inglês: a minha secretária e dois ou três empregados domésticos.

- Este é o campo de golfe - continuou enquanto passeavam pela aveludada relva de inverno. - É tudo relvado, está a ver? Não existem caminhos, nem acidentes, nem perigos.

Sorriu para John simpaticamente.

- Há muitos homens presos, pai? - perguntou Percy subitamente.

Braddock Washington vacilou e deixou cair, sem querer, uma praga.

- Menos um do que devia haver - proferiu sombriamente; e passado um instante acrescentou: - Temos tido problemas.

- A mãe contou-me - exclamou Percy. - Aquele professor italiano.

- Foi um erro tremendo - disse Braddock Washington irritado. - Mas claro que há esperanças de o apanharmos. Talvez tenha caído na floresta ou tropeçado nalgum rochedo. E há sempre probabilidade de não acreditarem na história dele, se é que fugiu. Em todo o caso, tenho tido duas dúzias de homens a procurá-lo em diferentes cidades das redondezas.

- E ainda não tiveram sorte?

- Alguma. Catorze deles disseram ao meu agente que cada um matara um homem que correspondia à descrição, mas pode ser que só tivessem em vista a recompensa.

Calou-se. Tinham chegado a uma grande cavidade na terra com a circunferência de um carrocel e coberta por uma forte grade de ferro. Braddock Washington fez sinal a John e apontou com a bengala e espreitou. Imediatamente os seus ouvidos foram assaltados por um clamor selvagem vindo de baixo.

- Desce cá para o inferno!

- Olá, puto, como está o ar aí em cima?

- Eh, atira-nos uma corda!

- Tens para aí um bolinho duro, pá, ou umas sanduíches em segunda mão?

- Olha, pá, se empurrares cá para baixo esse tipo que está contigo, mostramos-te como se faz desaparecer uma pessoa.

- Dá-lhe um murro por mim, está bem?

Estava escuro demais para ver bem o poço, mas John podia adivinhar, pelo optimismo grosseiro e pela vitalidade desabrida das exclamações, que se tratava de americanos da classe média do tipo mais audacioso. Então Mr.

Washington estendeu a bengala e tocou num botão na relva e o espectáculo lá em baixo ficou à vista.

- Estes são alguns aviadores aventureiros que tiveram a infelicidade de descobrir o El Dorado - observou.

Por baixo deles tinha aparecido um grande buraco na terra com a forma do interior de uma taça. Os lados eram íngremes e aparentemente de vidro polido e, na sua superfície ligeiramente côncava, estavam cerca de doze homens vestidos com meios fatos, meios uniformes, de aviadores. Os seus rostos voltados para cima, iluminados de raiva, de rancor, de desespero, de um humor cínico, estavam cobertos por longos tufo de barba mas, com a excepção de alguns que se viam estarem definhados, pareciam bem alimentados e saudáveis.

Braddock Washington puxou uma cadeira de jardim para a borda do poço e sentou-se.

- Olá, rapazes, como estão vocês? - perguntou jovial.

Um coro de imprecações em que todos se juntaram, excepto uns poucos que estavam desalentados demais para gritarem, elevou-se para o ar cheio de sol, mas Braddock Washington escutou-o com uma calma imperturbável. Quando o último eco desapareceu, voltou a falar.

- Já pensaram numa maneira de sair deste problema?

De entre eles, daqui e dali, subiu uma observação.

- Decidimos ficar aqui por amor!

- Põe-nos aí em cima e logo arranjam maneira!

Braddock Washington esperou até que estivessem de novo calados. Depois disse:

- Já vos expliquei a situação. Não vos quero aqui. Quem me dera nunca vos ter posto a vista em cima. Foi a vossa própria curiosidade que vos meteu aí, e quando pensarem numa maneira de sair, que me proteja e aos meus interesses, terei muito prazer em a considerar. Mas enquanto concentrarem os vossos esforços a cavar túneis... sim, já sei do novo que começaram ... não ireis muito longe. Isto não é tão mau para vocês como dizem, com toda a vossa gritaria pelos entes queridos que ficaram nas vossas casas. Se vocês fossem do género de se preocuparem com os que ficaram em casa, nunca se teriam dedicado à aviação.

Um homem alto destacou-se dos outros e estendeu a mão para cima, chamando a atenção do seu captor para o que queria dizer.

- Deixe-me fazer-lhe umas perguntas! - gritou.

- Pretende ser um homem justo?

- Que absurdo! Como poderia um homem da minha posição ser justo para convosco? É o mesmo que dizer que um espanhol é justo para com um pedaço de bife.

A esta áspera observação os rostos das duas dúzias de bifes voltaram-se para baixo, mas o homem alto continuou:

- Está bem! - gritou. - Já discutimos isso antes. Você não é humanitário, nem justo, mas é humano, pelo menos diz que é, e devia ser capaz de se pôr no nosso lugar o tempo suficiente para pensar como, como, como...

- Como quê? - perguntou Washington com frieza.

- Como é desnecessário...

- Não para mim.

- Bom. Como é cruel.

- Já vimos isso. A crueldade não existe quando está envolvida a autodefesa. Vocês já foram soldados, sabem isso; tentem outro argumento.

- Bom, então, como é estúpido.

- Isso - admitiu Washington - concedo-vos isso. Mas pensem numa alternativa. Já me ofereci para mandar raptar as vossas mulheres, noivas, filhos e mães, e trazê-los para aqui. Aumento isso aí em baixo e alimento-vos e visto-vos pelo resto da vida. Se houvesse algum processo de provocar uma amnésia permanente mandava-vos operar a todos e soltava-vos imediatamente em qualquer sítio, fora das minhas propriedades. Mas é só até aqui que chegam as minhas intenções.

- E se confiasse em nós se disséssemos que não o denunciaríamos? - gritou alguém.

- Vocês não fazem essa sugestão a sério - disse Washington com uma expressão de troça. - Tirei um daí para ensinar italiano à minha filha. Fugiu na semana passada.

Uma enorme gritaria de júbilo subiu de repente das duas dúzias de gargantas, seguindo-se um pandemónio de alegria. Os prisioneiros dançaram sapateado e deram vivas e cantaram à tirolesa e lutaram uns com os outros numa explosão de vitalidade animal.

Correram pelas paredes de vidro acima até onde puderam, e escorregaram para o fundo sobre as almofadas naturais dos seus corpos. O homem alto começou uma cantiga a que todos se juntaram:

«Oh, vamos enforçar o imperador Numa macieira bravia.»

Braddock Washington continuou sentado até a cantiga acabar.

- Estão a ver - observou quando conseguiu que lhe prestassem um pouco de atenção. - Eu não vos quero mal. Gosto de vos ver divertirem-se. Foi por isso que não vos contei logo toda a história. O homem... como é que ele se chamava? Critchtichielo?... foi morto a tiro por alguns dos meus agentes em catorze locais diferentes.

Não podendo adivinhar que os locais referidos eram cidades, o tumulto de alegria extinguiu-se imediatamente.

- No entanto - gritou Washington um tanto irritado - tentou fugir.

Esperam que eu arrisque com qualquer de vocês depois de uma experiência destas?

De novo subiu uma série de exclamações. - Claro!

- A sua filha gostaria de aprender chinês?

- Hey, eu sei falar italiano! A minha mãe era imigrante italiana.

- Talvez ela goste de aprender N'Yawk!

- Se é aquela pequenina com grandes olhos azuis posso ensinar-lhe uma data de coisas melhores do que o italiano.

- Sei algumas canções irlandesas. Já toquei instrumentos de metal.

Mr. Washington estendeu de repente a bengala e carregou no botão na relva, de modo que a imagem lá em baixo desapareceu instantaneamente e apenas ficou a grande boca escura, lugubrememente coberta pelos dentes negros da grade.

- Hey - chamou uma única voz de lá de baixo - não se vá embora sem nos dar a sua bênção.

Mas Mr. Washington, seguido pelos dois rapazes, já se dirigira para o nono buraco do campo de golfe, como se o poço e o seu conteúdo não fossem mais do que um acidente de terreno que o seu taco dócil vencera facilmente.

VII

Julho, sob o abrigo da montanha de diamante, era um mês para noites com cobertores e dias quentes e claros. John e Kismine estavam apaixonados. Ele não sabia que a pequena bola de ouro (tendo gravada a legenda *Pro deo et patria et St Mida*) que lhe oferecera andava num fio de platina junto dos seus seios. Mas andava. E ela, por seu lado, não se dera conta de que uma grande

safira, que lhe caíra um dia dos cabelos, estava ternamente guardada no guarda-jóias de John.

Ao fim de uma tarde, quando o salão de música rubi e arminho estava silencioso, passaram lá uma hora juntos. Ele segurou-lhe na mão e ela olhou-o de tal maneira que ele murmurou o seu nome em voz alta. Ela curvou-se para ele, e hesitou.

- Disseste «Kismine»? - perguntou docemente - ou ... Queria ter a certeza. Achava que podia ter compreendido mal.

Nunca nenhum deles tinha beijado, mas no espaço de uma hora isso já parecia fazer pouca diferença.

A tarde morria. Nessa noite, quando o último sopro de música caiu da torre mais alta, cada um deles estava acordado, sonhando, feliz, com os diferentes minutos do dia. Tinham decidido casar-se logo que possível.

VIII

Todos os dias Mr. Washington e os dois jovens iam à caça ou à pesca nas densas florestas, ou jogavam golfe no campo sonolento - partidas que John, diplomaticamente, deixava o seu anfitrião ganhar ou nadavam na frescura do lago na montanha. John achava Mr. Washington uma personalidade um tanto difícil, completamente desinteressado de quaisquer ideias ou opiniões que não fossem as suas. Mrs. Washington era distante e reservada em todas as circunstâncias. Parecia indiferente às duas filhas e inteiramente absorvida no filho Percy, com quem mantinha conversas intermináveis ao jantar, num espanhol fluente.

Jasmine, a filha mais velha, parecia-se exteriormente com Kismine - excepto por ter as pernas um pouco arqueadas e mãos e pés grandes - mas era completamente diferente dela no temperamento. Os seus livros favoritos falavam de raparigas pobres que tratavam das casas de pais viúvos. John soube por Kismine que Jasmine nunca se recompusera do choque e da desilusão que tivera com o fim da Grande Guerra, quando estava mesmo para partir para a Europa como despenseira. Tinha até definhado durante algum tempo e Braddock Washington mexera os cordelinhos para promover uma nova guerra nos Ba1cãs, mas ela viu fotografias de soldados sérvios feridos e perdeu o interesse por todo o processo.

Mas Percy e Kismine pareciam ter herdado do pai a atitude arrogante em toda a sua desagradável magnificência. Um egoísmo puro. e inabalável moldava todas as suas ideias.

John estava encantado com as maravilhas do castelo e do vale. Braddock Washington, disse-lhe Percy, fizera com que fossem raptados um jardineiro paisagista, um arquitecto, um aderecista teatral e um poeta francês em decadência que ficara do século passado. Tinha posto toda a sua hoste de negros à disposição deles, garantiu-lhes que lhes forneceria toda a espécie de

materiais existentes em todo o mundo e deixou-os desenvolver algumas ideias próprias.

Porém, um a um, tinham mostrado a sua inutilidade. O poeta decadente começara imediatamente a lamentar a sua separação dos «boulevards» na primavera - fez algumas vagas observações sobre especiarias, macacos e marfins; mas nada disse que tivesse algum valor prático. O aderecista teatral, por sua vez, queria fazer de todo o vale uma série de artifícios e de efeitos sensacionais, o género de coisa de que os Washingtons depressa se cansariam. E, quanto ao arquitecto e ao jardineiro paisagista, somente pensavam em termos convencionais. Tinha de fazer isto assim e aquilo assado.

Mas, pelo menos, tinham resolvido o problema do que se havia de fazer deles: todos enlouqueceram de manhã cedo depois de terem passado a noite num só quarto tentando chegar a acordo quanto à localização de uma fonte, e estavam agora confortavelmente fechados num manicómio em Westport, Connecticut.

- Mas - perguntou John com curiosidade quem planeou afinal todos estes maravilhosos salões de festa, e os átrios, e os acessos e as casas de banho?

- Bem - respondeu Percy - até coro ao dizer-to, mas foi um tipo do cinema. Foi o único homem que encontrámos que estava habituado a lidar com uma quantia ilimitada de dinheiro, embora pusesse o guardanapo ao pescoço e não soubesse ler nem escrever.

Quando Agosto se aproximava do fim, John começou a lastimar ter de voltar em breve para o colégio. Ele e Kismine tinham decidido fugir no Junho seguinte.

- Seria mais bonito casarmos aqui - confessou Kismine - mas está claro que eu nunca conseguiria licença do pai para casar contigo. Por isso prefiro fugir. Hoje em dia, na América, é terrível para as pessoas ricas casarem; têm sempre de mandar comunicados à Imprensa dizendo que se vão casar usando coisas antigas de família, quando afinal do que se trata é apenas de um montão de pérolas velhas em segunda mão e rendas usadas outrora pela Imperatriz Eugénia.

- Bem sei - concordou John com vivacidade.

- Quando estive em casa dos Schnlitzer-Murphy, a filha mais velha, Gwendolyn, casou com um homem cujo pai é dono de metade da Virgínia ocidental. Ela escreveu para casa dizendo que era uma grande luta ter de se governar com o salário dele como empregado de um Banco, e depois acabava por dizer: «Graças a Deus, tenho quatro criadas boas e isso ajuda um pouco.»

- É absurdo - comentou Kismine. - Pensa nos milhões e milhões de pessoas no mundo, trabalhadores e outros, que se arranjam só com duas criadas.

Uma tarde, no fim de Agosto, uma observação ocasional de Kismine alterou a face da situação, e lançou John em estado de terror.

Estavam no seu bosque favorito e, entre beijos, John entregava-se a devaneios românticos que, achava, dariam mais sabor às suas relações.

- Às vezes penso que nunca nos vamos casar disse ele tristemente. - És rica demais, esplendor os a demais. Ninguém tão rico como tu pode ser igual às outras raparigas. Devia casar com a filha de algum grossista de ferragens próspero, de Omaha ou de Sioux City, e contentar-me com o seu meio milhão.

- Conheci a filha de um grossista em ferragens - observou Kismine. - Acho que não gostarias dela. Era amiga da minha irmã. Esteve aqui em casa.

- Ah, então tiveram outros hóspedes - exclamou John surpreendido.

Kismine pareceu arrepende-se do que dissera.

- Tivemos - disse apressada. - Tivemos alguns.

- Mas não tens... o teu pai não tinha medo de que falassem demais lá fora?

- Ora, até certo ponto, até certo ponto. Vamos falar de qualquer coisa mais agradável.

- Alguma coisa mais agradável! - repetiu ele.

- O que é que há de desagradável nisto? Não eram raparigas decentes?

Para sua grande surpresa Kismine começou a chorar.

- Eram. Aí, aí é que está o problema. Cresci muito ligada a algumas delas. E a Jasmine também, mas continuou a convidá-las. Não consegui perceber.

Uma negra suspeita surgiu no coração de John.

- Queres dizer que elas falaram e que o teu pai mandou... mandou-as eliminar?

- Pior do que isso - murmurou ela desolada.

- O pai não quis arriscar-se, e a Jasmine continuou a escrever-lhes para virem, e elas divertiram-se tanto!

Foi assaltada por um paroxismo de dor. Atordoado com o horror desta revelação, John sentou-se de boca aberta, sentindo todos os nervos do corpo alvoroçados, como se muitos pardais estivessem empoleirados sobre a sua coluna vertebral.

- Olha, contei-te e não devia ter-te contado - disse ela, acalmando-se subitamente e secando os olhos azuis-escuros.

- Queres dizer que o teu pai as mandou assassinar antes de se irem embora?

Ela concordou com a cabeça.

- Geralmente em Agosto, ou no princípio de Setembro. É natural que nós tiremos delas primeiro todo o prazer que pudermos.

- Que coisa abominável! Oh, devo estar a endoidecer! Admitiste realmente que...

- Admiti - interrompeu Kismine encolhendo os ombros. - Não podíamos prendê-las como àqueles aviadores, porque seriam uma censura constante para nós, todos os dias. E para mim e para a Jasmine as coisas tornaram-se mais fáceis porque o pai mandou fazer aquilo mais cedo do que esperávamos. Dessa maneira, evitámos quaisquer cenas de despedida.

- Por isso assassinaram-nas! Ai! - gritou John.

- Foi tudo feito com perfeição. Foram drogadas enquanto dormiam, e disse-se às famílias que tinham morrido de escarlatina em Butte.

- Mas, não consigo compreender porque continuaram a convidá-las!

- Eu não - desabafou Kismine. - Eu nunca convidei ninguém. A Jasmine é que convidou. E divertiram-se sempre muito. Para o fim dava-lhes presentes lindíssimos. Provavelmente também eu vou ter visitas, vou preparar-me para isso. Não podemos deixar que uma coisa tão inevitável como a morte nos impeça de gozar a vida enquanto a temos. Pensa como isto aqui seria triste se nunca tivéssemos cá ninguém. Olha, o pai e a mãe sacrificaram alguns dos seus melhores amigos, tal como nós.

- E então - gritou John em tom acusador - deixas que eu me apaixone por ti e finges que retribuis, e falas de casamento todo o tempo sabendo perfeitamente que nunca sairei daqui vivo!

- Não - protestou ela com veemência - agora já não. Ao princípio sim. Estavas cá, eu não podia evitá-lo, e pensei que os teus últimos dias podiam ser agradáveis para ambos. Mas depois apaixonei-me por ti e... tenho sinceramente pena de que vás ser... vás ser eliminado ... embora prefira saber-te eliminado a beijares outra rapariga.

- Preferes, não preferes? - gritou John enfurecido.

- Prefiro, pois. Além disso, sempre ouvi dizer que uma rapariga pode divertir-se mais com um homem com quem sabe que nunca casará.

Ai, porque foi que te contei? Se calhar estraguei a tua estada cá e estávamos realmente a divertir-nos quando não sabias. Calculava que ias ficar deprimido.

- Calculavas, não calculavas? - A voz de John tremia de raiva. - Já ouvi demais. Se não tens suficiente orgulho e decência que te impeça de ter um romance com um tipo que sabes que já não é mais do que um cadáver, não quero ter mais nada a ver contigo!

- Não és um cadáver - protestou ela horrorizada. - Não és um cadáver! Não quero que digas que beijei um cadáver.

- Eu não disse nada disso!

- Disseste! Disseste que eu beijei um cadáver!

- Não disse!

As vozes tinham-se elevado mas, depois de uma súbita interrupção, caíram imediatamente no silêncio. Vinham passos pelo caminho em direcção a eles e, um instante depois, as roseiras foram desviadas revelando Braddock Washington, cujos olhos inteligentes, no seu rosto bonito e inexpressivo, os perscrutavam

- Quem foi que beijou um cadáver? - perguntou com nítida desaprovação.

- Ninguém - disse Kismine rapidamente. - Estávamos só a gracejar.

- O que é que vocês os dois estão aqui a fazer? perguntou impaciente. - Kismine, devias estar a ler, ou a jogar golfe com a tua irmã. Vai ler! Vai jogar golfe! Que eu não te encontre aqui quando voltar.

Depois baixou a cabeça a John e subiu a vereda. - Vês - disse Kismine zangada, quando ele já não podia ouvir. - Estragaste tudo. Nunca mais nos podemos encontrar. Ele não me vai deixar encontrar-me contigo. Mandava-te envenenar se soubesse que estamos apaixonados.

- Já não estamos! - gritou John ferozmente. Portanto pode ficar descansado quanto a isso. Além disso, não julgues que vou ficar por cá. Dentro de seis horas já eu irei por essas montanhas, nem que tenha que roer um sítio por onde passar, e irei para a costa leste.

Tinham-se ambos posto de pé, e a esta observação.

Kismine aproximou-se e meteu o braço no dele. - Eu também vou.

- Deves estar doida!

- Claro que vou - interrompeu ela com paciência.

- De certeza absoluta que não vais. Tu...

- Muito bem - disse ela calmamente - vamos ter com o pai agora mesmo e tratar do caso com ele.

Derrotado, John esboçou um sorriso amarelo.

- Está bem, minha querida - concordou ele com uma ternura mortíça e nada convincente - vamos embora juntos.

O seu amor por ela voltou e instalou-se-lhe placidamente no coração. Ela pertencia-lhe, iria com ele para compartilhar os seus perigos. Pôs os braços à volta dela e beijou-a fervorosamente. Afinal ela amava-o; na verdade, tinha-o salvo.

Discutindo o problema, caminharam lentamente de regresso ao castelo. Decidiram que, como Braddock Washington os tinha visto juntos, o melhor era partirem na noite seguinte. Apesar de tudo, a boca de John estava invulgarmente seca ao jantar, e esvaziou nervosamente uma grande colherada de sopa de pavão no pulmão esquerdo. Teve de ser levado para o salão de jogo turquesa e negro e de aguentar umas palmadas nas costas dadas por um dos segundos mordomos, o que Percy considerou uma boa piada.

IX

Muito depois da meia-noite o corpo de John teve um estremecimento nervoso que o fez sentar-se rapidamente na cama, olhando espantado para os véus de sonolência que guarneciam o quarto. Através dos quadrados de escuridão azulada que eram as janelas abertas, ouvira um leve, um distante ruído que morreu sobre um leito de vento, identificando-se na sua memória ensombrada por sonhos inquietos. Mas o barulho agudo que se seguira era mais próximo, mesmo do lado de fora do quarto - o dique de uma maçaneta de porta que rodou, um passo, um murmúrio, não sabia dizer; na concavidade do estômago apareceu-lhe uma protuberância dura, e todo o corpo lhe doeu no momento em que se esforçava, angustiado, por ouvir.

Então um dos véus pareceu dissolver-se e ele viu um vulto indefinido junto da porta, um vulto apenas ligeiramente desenhado na escuridão, misturado com as pregas dos reposteiros, como que distorcido, como um reflexo num espelho sujo.

Num súbito movimento de medo ou de determinação, John carregou no botão ao lado da cama e logo se viu sentado na banheira verde do compartimento contíguo, já bem acordado pelo choque da água fria que a enchia.

Levantou-se de um salto e, com o pijama molhado espalhando atrás de si um grande rasto de água, correu para a porta verde-azulada que dava para o patamar em marfim do segundo andar. A porta abriu-se silenciosa. Uma única luz carmesim na grande cúpula lá de cima iluminava o magnífico lance da escadaria num cenário de beleza avassaladora. Por um instante John hesitou, subjugado pelo esplendor silencioso à sua volta, parecendo envolver nas suas ondulações e contornos gigantescos a pequena figura solitária, tremendo no

patamar de marfim. Então duas coisas aconteceram simultaneamente. A porta da sua sala de estar abriu-se precipitando no patamar três negros nus e, enquanto John se lançava, louco de terror, pelas escadas, outra porta se abriu no outro lado do corredor e John viu Braddock Washington em pé no elevador iluminado, vestido com um casaco de peles e botas de montar que lhe chegavam aos joelhos e deixavam ver, por cima, o brilho do seu pijama cor-de-rosa.

No mesmo instante os três negros - John nunca vira nenhum deles e passou-lhe pela ideia que deviam ser os carrascos profissionais - interromperam o seu movimento em direcção a John e voltaram-se, na expectativa, para o homem no elevador que trovejou uma ordem imperiosa:

- Entrem para aqui! Todos três! E rapidamente! Então, no mesmo instante, os três negros meteram-se no elevador, o rectângulo de luz desapareceu quando a porta se fechou, e John viu-se de novo sozinho no patamar.

Sentou-se trémulo num degrau de marfim.

Era evidente que algo de terrível acontecera, algo que, pelo menos nesse momento, tinha adiado a sua própria aflição. O que seria? Ter-se-iam os negros revoltado? Teriam os aviadores forçado as barras de ferro da grade? Ou teriam os homens de Fish atravessado às cegas os montes e visto, com olhos tristes e mortiços, o vale verdejante? John não sabia. Ouviu um sibilar de vento quando o elevador veio de novo para cima e, pouco depois, quando voltou a descer. Era provável que Percy se precipitasse para: ajudar o pai, e John lembrou-se de que esta poderia ser a oportunidade para se juntar a Kismine e planear uma fuga imediata. Esperou até o elevador ficar silencioso por uns minutos; tremendo um pouco por causa do frio da noite que o penetrava através do pijama molhado, voltou para o quarto e vestiu-se rapidamente. Depois subiu um grande lanço de escadas e voltou para o corredor atapetado de zibelina russa que conduzia ao quarto de Kismine.

A porta da sala de estar estava 'aberta e as luzes acesas. Kismine, num quimono de angorá, estava junto da janela do quarto em atitude de quem escuta, e quando John entrou sem fazer barulho voltou-se para ele.

- Ah, és tu! - sussurrou ela atravessando o quarto ao encontro dele. - Ouviste-os?

- Ouvi os escravos do teu pai na minha ...

- Não - interrompeu ela excitada. - Aviões!

- Aviões? Talvez fosse o barulho deles que me acordou.

- São pelo menos uma dúzia. Vi um há bocadinho em frente da luz. O guarda que está no rochedo disparou e foi o que acordou o pai. Vamos abrir fogo sobre eles imediatamente.

- Estão aqui de propósito?
- Estão. Foi aquele italiano que fugiu.
- Em simultâneo com as suas últimas palavras, uma série de estalidos secos entrou pela janela aberta.

Kismine deu um gritinho, tirou desajeitadamente uma moeda de uma caixa em cima da cómoda e correu para uma das luzes eléctricas. Num instante todo o castelo ficou na escuridão: tinha feito rebentar um fusível.

- Anda daí - gritou ela. - Vamos para cima, para o jardim suspenso e vemos tudo de lá.

Embrulhando-se numa capa agarrou na mão dele e dirigiram-se para a porta. Era apenas um passo para a torre do elevador e, quando ela premiu o botão que os fez ir para cima, ele abraçou-a na escuridão e beijou-a na boca. Finalmente, o romance viera ao encontro de John Unger. Pouco depois saíram do elevador para a plataforma branca como estrelas. Lá no alto, sob a lua enevoadada, saindo e entrando nas manchas das nuvens que corriam por baixo dela, flutuava uma dúzia de corpos alados e escuros: em constantes movimentos circulares. No vale, daqui e dali, clarões de fogo saltavam na direcção' deles, seguidos de fortes detonações. Kismine bateu as palmas de contentamento que, pouco depois, se transformou em desolação, quando os aviões, a um sinal combinado, começaram a largar bombas e todo o vale se tornou um espectáculo de sons profundos e atroadores e de luzes sinistras.

Dentro em pouco, o alvo dos atacantes concentrou-se nos pontos onde se situavam as armas antiaéreas, e uma delas foi quase imediatamente reduzida a um montão gigantesco de cinzas fumegando num roseiral.

- Kismine - disse- John - vais ficar contente quando te disser que este ataque surgiu na véspera do meu assassinato. Se eu não tivesse ouvido o guarda disparar estaria agora bem morto...

- Não consigo ouvir-te! - gritou Kismine, atenta ao espectáculo à sua frente. - Tens de falar mais alto.

- Eu só disse - gritou ele - que seria melhor sairmos antes que comecem a bombardear o castelo!

De repente todo o pórtico das instalações dos pretos abateu, um jacto de chamas subiu debaixo das colunas e grandes fragmentos de mármore foram lançados até às margens do lago.

- Lá vão cinquenta mil dólares em escravos - gritou Kismine - a preços de antes da guerra. São poucos os americanos que respeitam a propriedade.

John renovou os esforços para a obrigar a sair. O alvo dos aviões tornava-se mais preciso de minuto a minuto, e apenas duas das armas antiaéreas

ainda ripostavam. Era óbvio que a guarnição, rodeada de fogo, não poderia resistir por muito mais tempo.

- Anda daí - gritava John puxando o braço de Kismine. - Temos de fugir. Já percebeste que aqueles aviadores te matam sem hesitações se te encontrarem?

Ela concordou com relutância.

- Temos de acordar a Jasmine! - disse ela enquanto corriam para o elevador. Depois acrescentou com uma espécie de prazer infantil: - Vamos ser pobres, não vamos? Como nos livros. E eu vou ser órfã e completamente livre. Livre e pobre! Que giro! Calou-se e levantou os lábios para ele num beijo de contentamento.

- É impossível ser as duas coisas ao mesmo tempo - disse John sombrio. - Já se chegou a essa - conclusão. E eu escolheria ser livre, como preferível entre as -duas. Como precaução é melhor meteres o conteúdo do teu guarda-jóias nos bolsos.

Volvidos dez minutos as duas raparigas juntaram-se a John no corredor escuro e desceram até ao andar principal do castelo. Passando uma última vez pela magnificência dos esplendorosos vestibulos, ficaram um momento lá fora no terraço, vendo as instalações dos pretos a arder e as brasas incandescentes de dois aviões que tinham caído do outro lado do lago. Uma arma solitária mantinha ainda um tiroteio teimoso, e os atacantes pareciam ter medo de descer mais baixo; mas mandavam o seu fogo-de-artifício atordoante em círculo à volta dela, até que o tiro pudesse aniquilar a sua guarnição de etíopes.

John e as duas irmãs ultrapassaram os degraus de mármore, viraram à esquerda e começaram a subir um caminho estreito que serpenteava, como uma cobra à volta da montanha de diamante. Kismine sabia de um lugar densamente arborizado a meio do caminho para cima, onde poderiam ficar escondidos e, ao mesmo tempo, observar a noite assustadora lá em baixo no vale - e finalmente fugir, quando fosse necessário, por um caminho secreto que conduzia a uma ravina pedregosa.

X

Eram três horas da madrugada quando chegaram ao seu destino. A amável e fleumática Jasmine adormeceu imediatamente, encostada ao tronco de uma grande árvore, enquanto John e Kismine se sentavam ele com o braço em volta dela, e observavam o desesperado desenrolar da batalha que morria entre as ruínas de uma paisagem que nessa manhã era ainda um jardim. Pouco depois das quatro horas, a última arma que restava produziu um som estridente e ficou fora de combate, numa língua veloz de fumo vermelho; Embora a lua estivesse encoberta, viram que os corpos voadores faziam círculos mais perto da terra. Quando os aviões tiveram a certeza de que os

sitiados não tinham mais recursos, aterraram, e o Sinistro e resplandecente reino dos Washingtons chegou ao fim.

Com o cessar fogo o vale ficou tranquilo. As brasas dos dois aviões brilhavam como olhos de algum monstro rastejando sobre vidro. O castelo estava escuro e silencioso, belo sem luz como fora belo ao sol, enquanto as repetidas imprecações de Nemésis enchiam o ar com um lamento que aumentava e se esbatia. Então John apercebeu-se de que Kirsine, tal como a irmã, adormecera profundamente.

Foi muito depois das quatro horas que ele se deu conta de passos ao longo do caminho que tinham seguido, e esperou num silêncio sufocado que as pessoas a quem eles pertenciam ultrapassassem o local de segurança onde se encontravam.

Havia agora no ar uma agitação que não era de origem humana e o orvalho era frio; sabia que a madrugada depressa despontaria. John esperou até os passos estarem a uma distância segura, lá em cima, na montanha, e não se ouvirem. Depois seguiu-os. A cerca de meio caminho do cume íngreme, as árvores eram mais raras e uma firme saliência da rocha estendia-se por cima do diamante, lá em baixo. Antes de chegar a este ponto atrasou o passo, prevenido por sentido animal de que havia vida mesmo à sua frente. Chegado a um pedregulho arredondado, levantou aos poucos a cabeça por sobre a borda. A sua curiosidade foi recompensada. Eis o que viu:

Braddock Washington estava de pé, imóvel, recortado contra o céu cinzento, sem som nem sinal de vida. A medida que a madrugada se erguia vinda de leste, emprestando à terra uma cor verde fria, reduzia a figura solitária a um insignificante contraste com o novo dia.

Enquanto John observava, o seu anfitrião ficou por momentos absorvido em qualquer contemplação inescrutável; depois, fez um sinal aos dois negros acorados a seus pés, para levantarem o fardo pousado entre eles. Quando lutavam por se levantar, o primeiro raio de sol amarelo incidiu sob inúmeros prismas num enorme diamante estranhamente entelado, provocando uma radiação branca que refulgia ao ar: como um pedaço da estrela da manhã. Os carregadores vacilaram por um momento sob o peso, e logo os seus músculos salientes se retesaram e endureceram novamente imóveis na sua impotência provocadora perante os céus.

Pouco depois o homem branco ergueu a cabeça e vagarosamente levantou os braços num gesto, com? se quisesse chamar a atenção de uma grande multidão. Mas não havia multidão; apenas o imenso silêncio da montanha e do céu, quebrado pelas vozinhas dos pássaros lá em baixo entre as árvores.

A figura na saliência da rocha começou a falar lentamente e com uma altivez indestrutível.

- Tu, aí - gritou com voz trémula. - Tu, aí! - Calou-se, com os braços ainda erguidos, a cabeça atenta como se esperasse uma resposta. John esforçou-se

por ver se viriam homens descendo a montanha, mas a montanha estava despida de vida humana. Só havia céu e o flautim trocista do vento ao longo das copas das árvores. Estaria Washington a rezar? Por um momento John interrogou-se. Depois, a ilusão passou; havia qualquer coisa em toda a atitude do homem que era a antítese da oração.

- Oh tu, lá em cima!

A voz tornara-se forte e confiante. Não se tratava de uma súplica desesperada. Se nela havia algo, era a característica de uma monstruosa condescendência.

- Tu, aí...

As palavras saíam depressa demais para se compreenderem, umas a seguir às outras... John escutava sem respiração, apanhando uma frase aqui e ali, enquanto a voz se interrompia, voltava, interrompia-se de novo, ora forte e crítica, ora colorida de uma impaciência lenta e confusa. Então começou a despertar no ouvinte solitário uma convicção, e quando compreendeu subiu por ele um jacto de sangue alvoroçado correndo pelas artérias. Braddock Washington estava subornando Deus!

Era isso, era isso sem dúvida. O diamante nos braços dos escravos era uma amostra prévia, uma promessa do mais que se seguiria.

Era esse, compreendeu John pouco depois, o fio que ligava as frases. Prometeu Enriquecido chamava como testemunhas sacrifícios esquecidos, rituais esquecidos, orações obsoletas de antes do nascimento de Cristo. Por uns minutos o seu discurso tomou a forma de lembrar a Deus estas oferendas, ou o que a Divindade se dignara aceitar dos homens - grandes igrejas por salvar cidades das pragas, dádivas de mirra e ouro, de vidas humanas e de lindas mulheres e de exércitos cativos, de crianças e de rainhas, de animais da floresta e dos campos, carneiros e cabras, colheitas e cidades, terras conquistadas oferecidas em luxúria ou em sangue para O apaziguar, comprando uma recompensa de alívio da ira divina - e agora ele, Braddock Washington, Imperador dos Diamantes, rei e sacerdote de uma idade do ouro, árbitro de esplendor e de fausto, oferecia um tesouro como os príncipes que o precederam nunca sonharam: oferecia-o não em súplica mas com arrogância.

Entrando em especificações, continuou a dizer que daria a Deus o maior diamante do mundo. Este diamante seria talhado em muito mais milhares de facetas do que há de folhas numa árvore e, no entanto, todo o diamante teria a forma perfeita de uma pedra não maior que uma mosca. Muitos homens trabalhariam nele durante muitos anos. Seria 'encastado numa grande cúpula de ouro martelado, maravilhosamente esculpida e adornada com portas de opalas e safiras antigas. No meio haveria uma capela encimada por um altar de rádio iridescente, em decomposição, sempre diferente, que queimaria ~s olhos de qualquer fiel que levantasse a cabeça do livro de orações - e neste altar haveria, para gozo do Divino Benfeitor, os despojos de qualquer vítima que Ele escolhesse, nem que fosse o maior e mais poderoso homem ao cimo da Terra.

Em troca, pedia apenas uma coisa simples, uma coisa que, para Deus, seria absolutamente fácil: apenas que as coisas voltassem a ser como eram ontem por aquela hora e que assim ficassem. Tão simples! Que os céus se abrissem engolindo aqueles homens e os seus aviões, e depois se voltassem a fechar. Que ele tivesse de novo os seus escravos, vivos e saudáveis.

Não havia mais ninguém com quem tivesse tido necessidade de tratar e de negociar.

Só tinha dúvidas sobre se a sua dádiva seria suficientemente grande. Deus tinha o Seu orgulho, está claro. Deus era feito à imagem do homem, assim fora dito. Tinha de ter o Seu orgulho. E o preço seria raro: nenhuma catedral, cuja construção demorara tantos anos, nenhuma pirâmide, edificada por dez mil trabalhadores, se assemelhavam a esta catedral, a esta pirâmide.

Calou-se aqui. Era esta a sua proposta. Tudo seria como especificado e não havia nada de chocante na sua afirmação de que era barato, por aquele preço.

Queria dizer que a Providência deveria pegar, ou largar.

À medida que se aproximava -do fim, as frases tornavam-se entrecortadas, curtas e incertas, e o seu corpo parecia tenso, parecia fazer um esforço para detectar o mais ligeiro sinal, ou murmúrio de vida, nos espaços à sua volta. O cabelo tornara-se gradualmente branco enquanto falava, e agora levantava a cabeça bem alto para os céus, como um profeta de outrora - magnificamente louco.

Então, enquanto John olhava tonto e fascinado, pareceu-lhe que em qualquer sítio à sua volta corria um fenómeno curioso. Era como se o céu tivesse escurecido por um instante, como se tivesse havido um súbito murmúrio num golpe de vento, um som de trombetas distantes, um sussurro, como o roçar de um grande manto de seda; por instantes, toda a natureza à volta partilhava desta escuridão; o canto dos pássaros cessou, as árvores ficaram silenciosas e muito para lá da montanha havia o ribombar de um trovão sinistro, ameaçador.

E foi tudo. O vento morreu na relva alta do vale.

A madrugada e o dia retomaram o seu lugar, e o sol já nascido enviava ondas quentes de névoa amarela que tornavam o caminho luminoso à sua frente. As folhas riam ao sol, e a sua gargalhada agitava as árvores até cada ramo ser como uma escola de raparigas no país das fadas. Deus recusara-se a aceitar o suborno.

Por mais uns instantes John observou o triunfo do dia. Então, ao voltar-se, viu uma mancha castanha lá em baixo junto do lago, depois outra, e depois outra, como a dança de anjos dourados descendo das nuvens. Os aviões tinham aterrado.

John escorregou da pedra e correu pelo flanco da montanha para o maciço de árvores onde as duas raparigas já estavam acoradas e à sua espera. Kismine pôs-se em pé de um salto, com as jóias a chocalharem nos bolsos e uma pergunta nos lábios entreabertos mas o instinto de John disse-lhe que não havia tempo para palavras.

Tinham de sair da montanha sem perderem um momento. Agarrou numa mão de cada uma, e em silêncio atravessaram os troncos das árvores agora lavados pela luz e pela neblina que subia. Do vale atrás deles não vinha nenhum som, excepto o lamento longínquo dos pavões e as vozes agradáveis da manhã.

Quando tinham percorrido cerca de quinhentos metros, evitaram o parque e entraram num caminho estreito que conduzia à elevação de terra seguinte. No ponto mais alto desta pararam e olharam à volta. Os olhos pousaram no flanco da montanha que acabavam de deixar, oprimidos por um sentimento obscuro de qualquer iminência trágica.

Nítido contra o sol, um homem amarfanhado de cabelos brancos descia lentamente a ladeira íngreme, seguido por dois negros gigantes e impávidos que transportavam um fardo que ainda faiscava e cintilava ao sol. A meio caminho do sopé, duas outras personagens se lhes juntaram; John pôde ver que eram Mrs. Washington e o filho, a cujo braço ela se amparava. Os aviadores tinham saído dos aparelhos para o extenso relvado em frente do castelo e, de espingardas na mão, subiam a montanha de diamante em formação de combate.

Mas o pequeno grupo de cinco que se formara mais em cima, e atraía a atenção de todos os observadores, parara no rebordo de uma rocha. Os negros curvaram-se e levantaram o que parecia ser uma porta disfarçada no flanco da montanha. E todos desapareceram por ela, primeiro o homem de cabelos brancos, depois, a mulher e o filho e, por fim, os dois negros, cujos penteados recamados de jóias captaram o sol por um momento antes de a porta descer e os engolir a todos.

Kismine apertou o braço de John.

- Oh - gritou descontrolada - para onde vão eles? O que irão fazer?

- Deve ser alguma passagem subterrânea para fugirem.

Um pequeno grito das duas raparigas interrompeu-lhe a frase.

- Não vêes? - soluçou Kismine histericamente.

- A montanha está electrificada!

Enquanto ela falava, John levantou as mãos para proteger a vista. Perante os seus olhos toda a superfície da montanha se transformara repentinamente num amarelo ofuscante de fogo, que transparecia através da cobertura de

turfa, corno a luz transparece através de urna mão humana. Por um momento o brilho intolerável persistiu e, depois, corno urna lâmpada estragada, desapareceu, revelando um deserto negro de onde se elevava lentamente fumo azul, que levou consigo o que restava de vegetação e de carne humana. Dos aviadores não restaram nem sangue nem ossos - foram consumidos tão completamente corno os cinco que penetraram na montanha.

Simultaneamente e com enorme estrondo, o castelo atirou-se literalmente ao ar, rebentando em fragmentos incendiados à medida que se erguia e, depois, caindo sobre si próprio num montão fumegante que se projectou nas águas do lago. Não houve fogo, apenas fumo, que se afastava misturado com o sol e, por mais uns minutos, com o pó de mármore, vinha do grande montão informe que fora a casa das pedras preciosas. Nada mais se ouvia e os três jovens estavam sozinhos no vale.

XI

Ao pôr-do-sol, John e as suas duas companheiras chegaram ao alto rochedo que marcara as fronteiras dos domínios dos Washingtons e, ao olharem para trás, avistaram o vale tranquilo e lindo no crepúsculo. Sentaram-se para acabarem a comida que Jasmine trouxera num cesto.

- Aqui está - disse ela estendendo a toalha e colocando as sanduíches num montinho bem feito. - Não parecem apetitosas? Sempre pensei que a comida sabe melhor ao ar livre.

- Com esta observação - fez notar Kismine - a Jasmine entra na classe média.

- Ora - disse John com convicção - vamos lá a esvaziar os bolsos e a ver as jóias que vocês trouxeram. Se escolheram bem, nós os três devemos poder viver confortavelmente pelo resto das nossas vidas.

Obediente, Kismine pôs a mão no bol.so e apresentou-lhe duas mãos-cheias de pedras preciosas-

- Não está mal - exclamou John entusiasmado - não são muito grandes mas... olá! - A expressão modificou-se-lhe enquanto segurava urna das pedras contra o sol que se punha. - Ora, isto não são diamantes! Há qualquer coisa que está errada!

- Ai meu Deus - exclamou Kismine perplexa.

- Que parva que sou!

- Caramba, isto são cristais de rocha! - exclamou John.

- Bem sei. - Desatou a rir. - Abri a gaveta errada. Eram de um vestido de uma rapariga que veio visitar a Jasmine. Convenci-a a que nos desse em troca de diamantes. Nunca tinha visto senão pedras preciosas.

- E foi isto que trouxeste?

- Pois foi. - Pegou nas pedras, muito séria.

- Acho que gosto mais destas. Estou um tanto farta de diamantes.

- Muito bem - disse John melancólico. - Vamos ter de viver em Hades. E tu vais envelhecer a contar às mulheres incrédulas que abriste a gaveta errada. Infelizmente os livros de cheques do teu pai desapareceram com ele.

- Bem, e o que é que Hades tem de mal?

- Se volto para casa casado, na minha idade, o meu pai é muito capaz de dar cabo de mim.

Jasmine falou.

- Adoro lavar roupa - disse calmamente.

- Sempre lavei os meus lenços. Vou aceitar roupa para lavar e sustento-vos aos dois.

- Têm lavadeiras em Hades? -perguntou Kismine inocentemente.

- Claro - respondeu John. - É como em qualquer outro lugar.

- Pensei que talvez fosse quente demais para usar roupa.

John riu-se.

- Experimenta! - sugeriu ele.

- Correm contigo antes de começares.

- O pai vai estar lá? - perguntou ela. John voltou-se para ela espantado.

- O teu pai morreu - replicou melancólico.

- Porque havia ele de ir para Hades? Confundiste com outro lugar que já desapareceu há muito tempo.

Depois de comerem, dobraram a toalha e estenderam os cobertores para passarem a noite.

- Que sonho que foi tudo - suspirou Kismine olhando para as estrelas. - Que estranho parece estar aqui, só com um vestido e com um noivo sem cheta!

- Debaixo das estrelas - repetiu ela. - Nunca tinha reparado nas estrelas. Pensava sempre nelas como grandes diamantes que pertenciam a alguém.

Agora assustam-me. Fazem-me sentir que foi tudo um sonho, toda a minha juventude.

- E foi um sonho - disse John calmamente.

- A juventude de todos nós é um sonho, uma forma de loucura química.

- Então que bom é estar louco!

- Foi o que ouvi dizer - disse John sombrio.

Já não sei nada. De qualquer modo, amemo-nos por uns tempos, talvez um ano, tu e eu. É uma forma de divina embriaguez que todos podemos experimentar. Só há diamantes em todo o mundo, diamantes e talvez o pobre dom da desilusão. Bom, este tenho-o eu e vou fazer dele o «nada» habitual. - Teve um arrepio. - Sobe a gola do teu casaco, pequenina, a noite está fria e podes apanhar uma pneumonia. Foi um grande pecador quem inventou a consciência. Vamos perdê-la por algumas horas.

E, enrolando-se no cobertor, preparou-se para dormir.